

EIXO 4- Pesquisa, políticas públicas e direito à educação.

AS PROPOSTAS CURRICULARES DO ESTADO DE SÃO PAULO E A EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA ANÁLISE SOBRE A PRODUÇÃO DE SENTIDO DAS SEXUALIDADES

Franciele Monique Scopetc dos Santos
franmonique@gmail.com
Orientadora: Ana Cláudia Bortolozzi Maia
aclaudia@fc.unesp.br

Resumo:

O objetivo desta comunicação é apresentar nossa proposta de pesquisa de doutoramento junto ao programa de pós-graduação em Educação Escolar da UNESP/Araraquara. Para tal, enunciaremos nosso *corpus* teórico e metodológico junto às pesquisas de Michel Foucault. Partiremos da Análise do Discurso foucaultiana para enunciar os sentidos possíveis das políticas públicas e das produções de sentido oriundas das mesmas no que concerne a diversidade sexual, nosso escopo se dá nos estudos sobre a educação sexual escolar, mote de nossa linha de pesquisa, a saber: sexualidade, cultura e educação sexual, vinculada ao nosso programa de pós-graduação. Analisaremos as iniciativas de inclusão da educação sexual no currículo escolar, e como as mesmas abordam as questões vinculadas à diversidade sexual, em seguida as propostas curriculares e, por fim, trabalharemos com entrevistas com professoras e professores para então delinear nosso objeto de pesquisa que é diversidade sexual no amplo campo da educação sexual formal.

Palavras-chave: Diversidade Sexual; Análise do Discurso; Educação Sexual; Políticas Públicas, Propostas de Lei.

Texto completo

Constatamos hoje uma grande expansão nos estudos sobre a constituição cultural da(s) sexualidade(s) em diversas áreas de conhecimento, dentre as quais a Educação. Área de estudos que se configura em um campo produtivo para a disseminação deste debate. Inúmeros teóricos, assim como teóricas passaram a problematizar questões referentes à sexualidade, inclusive a heteronormatividade, dando suas contribuições para o reconhecimento da diversidade sexual de nossa sociedade (LOURO, 2000; SWAIN, 2007; JUNQUEIRA, 2007) .

É necessário considerar uma reflexão sobre sexualidade que tenha uma exigência de apresentar nossas categorias de compreensão de seus limites e manifestações. Trata-se de definir precisamente o que se entende por isto, ou seja, o conceito de sexualidade,

explicitando os termos e categorias do discurso, a partir de sua conformação etimológica e significação histórica. Inferimos aqui o alcance do que se circunscreve sobre o conceito de “sexualidade”, no sentido antropológico amplo, como dimensão ontológica essencial do ser humano. A experiência educacional que acumulamos nos autoriza a buscar diferenciar, conceitual e metodologicamente os termos “sexo”, e “sexualidade”. No senso comum o termo “sexo” diz respeito, genericamente, à marca biológica e procriativa dos seres vivos. Confunde-se esta dimensão biológica com o conceito de sexualidade, que, a nosso ver, é muito mais abrangente, por referendar uma qualidade do sexo biológico e ser somente atribuído aos seres humanos em seus processos históricos (SABA, 1969).

Todavia, se a palavra “sexo” diz respeito a uma dimensão estritamente procriativa, restrita a uma interpretação naturalista, a palavra e o conceito de “sexualidade” nos remete imediatamente para o mundo da cultura e da ciência, logo a amplitude cultural histórica do exercício das ações humanas. Sexualidade significaria, portanto uma “qualidade do sexo”, no sentido de uma intencionalidade, uma dimensão qualificante da definição instintivo-biológica estreita. Sobre o que seja o sexo nos afirma C. Jarman (1981, p.52):

[...] O mecanismo da determinação do sexo da progênie humana é definido pela sua configuração genética. No homem, em outros mamíferos e na maioria dos insetos, o sexo heterozigoto é o masculino. Entretanto, embora prevaleça aproximadamente o mesmo princípio, observou-se que o mecanismo da determinação do sexo varia em diferentes organismos. Em aves, borboletas, mariposas, alguns anfíbios e répteis, o zigoto XY dá origem a fêmeas, enquanto o XX produz machos. Descobriu-se que os cromossomos sexuais não contem apenas genes controladores do sexo do indivíduo. Contem também muitos genes que se relacionam com outros caracteres do indivíduo [...].

A abordagem da Biologia configurou uma dimensão estritamente reprodutiva, o que trataremos aqui como matiz do biologismo, acentuada por determinantes genéticos e tornou-se quase incapaz de explicitar, no conceito de sexo, as dimensões existenciais e culturais. Já a concepção de sexualidade que pretendemos assumir em nossa análise tem a conotação de uma qualidade humana, que incorpora os componentes biológicos e a variação evolutiva da espécie humana, mas busca atingir significações culturais e existenciais muito mais exigentes. Diz Vasconcelos (1971, p.3):

[...] todos estes fatores fazem da sexualidade humana o que ela pode ser. Uma descoberta, uma elaboração, uma busca. Um peso que a estrutura como um existencial, como uma dimensão do ser no mundo do homem, posto que não nos referimos a uma sexualidade animal, sem história e sem cultura, mas à sexualidade enquanto imersa na temporalidade, nela recebendo sua revelação vivencial, suas formalizações conceituais, sua expressão estética, seu tratamento moral e social [...].

Neste sentido, somente o ser humano é dotado de uma “sexualidade”, pois os animais e o não material dos seres vivos que conseguiram, através de sua evolução biológica, a dimensão da reprodução sexual, estariam circunscritos ao mundo natural biológico. Disto decorre, portanto, que a sexualidade também pode ser entendida como determinante no tocante a existência humana. Isto nos impulsiona a investigar quais as formas que a sexualidade se constituiu em modelo hegemônico ou tomou contornos específicos em diferentes épocas históricas e como estas formas refletem nas propostas curriculares do estado de São Paulo, tão logo na produção de sentidos acerca da educação sexual e das sexualidades plurais. Assim, antes de enveredarmos pelo caminho da história, é de fundamental importância compreender melhor o que nos diz M. Foucault (1984, p.11):

[...] Falar da “sexualidade” como uma experiência historicamente singular suporia, também; que se pudesse dispor de instrumentos susceptíveis de analisar, em seu próprio caráter e em suas correlações, os três eixos que a constituem: a formação dos saberes que a ela se referem, os sistemas de poder que regulam sua prática e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos desta sexualidade [...].

Nesta direção a Filosofia, a partir da sua construção histórica, torna-se um elemento fundamental de análise e compreensão, dadas suas categorias de reflexão, a saber: a radicalidade e totalidade. Compreender um objeto ou um campo de investigação requer, para uma boa ciência, compreendê-lo na trama das relações, elucidar seu sentido exatamente na busca de suas correlações; isto precisamente garante a totalidade e

universalidade histórica do discurso filosófico. Entendemos o discurso com as premissas da totalidade e da universalidade na medida em que Foucault¹ supõe que em toda sociedade existe uma defasagem entre dois tipos de texto, os primários e os secundários. A relação que existiria entre eles se apresenta na medida em que os secundários não fazem outra coisa a não ser repetir e retomar o que se diz nos textos primários a fim de trazer à luz uma pretensa verdade originária (CASTRO, 2009, p.119).

Ao pensar a filosofia como nosso campo teórico, e associar as condições práticas de efetivação do discurso da educação sexual, pensamos nos elementos que constituem esta abordagem no âmbito escolar. No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) a sexualidade, considerada como uma das dimensões mais amplas da condição humana, apresenta-se como um campo híbrido entre a subjetividade e a sociedade; disto decorre o razoável cuidado com que se analisa esta dimensão, dado que nenhuma pessoa e nenhum grupo social torna-se ou constitui-se como suporte exclusivo da verdade, encarada como doutrinária e rígida.

No tocante a “efetivação curricular” da sexualidade, vemos seus esboços primários em 1997 com a reformulação advinda da aprovação da LDB 9.394/96 e, posteriormente, os Parâmetros Curriculares Nacionais não somente se propuseram a reestruturar as disciplinas dos Ensinos fundamental e médio, mas se preocuparam com a inclusão dos temas transversais, que se resumem como campos do conhecimento que são indispensáveis para formação escolar e social, contudo não configuram a necessidade da inclusão curricular como disciplina (YUS,1998).

Incorporamos à Educação Sexual enquanto conteúdo que abrange várias disciplinas (ARAÚJO, 1998) a discussão de temas ligados à transmissão e à prevenção do HIV, assim como a construção biológica dos diferentes corpos e sistemas reprodutores, masculino e feminino. A cultura pedagógica não se volta para a compreensão de questões íntimas dos estudantes, como desejos e preocupações sexuais. Há uma relação intrínseca entre a liberdade para explorar novas idéias e dificuldade de explorar as mesmas, nesse sentido, que buscaremos analisar se existem barreiras nas mentes dos professores e na estrutura dos colégios que impedem um olhar diferenciado sobre a educação sexual, um

¹ Esta abordagem se encontra na obra: A Ordem do Discurso, especificamente nas páginas 17-19 (Foucault, 1998).

olhar que não se dimensione somente na esfera biológica reprodutiva, mas também na formação histórica e cultural. Já nos inícios da década de setenta a pesquisadora N. Vasconcelos em tese pioneira sobre os *Dogmatismos Sexuais*, afirmava que (VASCONCELOS, 1971, p.30):

[...] à sexualidade humana é inseparável de uma dimensão ética. Pode-se afirmar que a felicidade, ou a angústia, não são “salários” de uma sexualidade normal ou anormal, pois que esses sentimentos não são determinados por uma “lei da natureza” obedecida, ou não. Ademais, não falamos aqui da felicidade ou da angústia no campo sexual, como sinônimo de prazer, ou de frustração, fisiológicos. Na verdade, felicidade ou angústia são sentimentos fundados sobre percepção afetiva de certos valores alcançados, ou não. E aqui já entramos em um domínio próprio do homem, ou seja, na cultura. Pois que a natureza não coloca valores. A percepção que um homem terá de certos valores se exerce num contexto cultural que os seleciona, os põe e os impõe, os hierarquiza. De modo que a pessoa faz sua entrada em um mundo já valorizado. É seguramente tarefa pessoal de cada um repensar esses valores, criticá-los e assumir essa valorização conscientizada, a custa mesmo de inúmeras angústias. E que uma “simpatia consoladora” não parece perceber, voltada que está para o afã de consolar, sem comprometer-se, isto é, sem compreender uma angústia que se lhe apresenta [...].

Não deixa de impressionar ainda hoje, decorridas mais de duas décadas, a força persuasiva destas palavras. Indica à pesquisadora a necessidade de buscar compreender a sexualidade dentro das dimensões ontológicas humanas. A linguagem do sexo é confusa, e é precisamente por essa razão que as discussões a respeito deveriam voltar-se para as disjunções entre as comuns áreas das ciências humanas. Ao observar a necessidade de observação destas disjunções que preparamos a reflexão para a proposta desta análise, a qual se delimita na investigação dos discursos, da produção de sentido contida nesses discursos, que em nossa pesquisa se guiarão pelas propostas curriculares. Pois os PCN afirmam que (BRASIL, 1998, p.76):

Na construção da identidade dos jovens estudantes, conhecimentos de Psicologia, questionando o senso comum, podem contribuir para uma reflexão e melhor compreensão de sua inserção no mundo, relativizando um suposto caráter ahistórico e único da adolescência, desconstruindo um certo determinismo em relação a papéis sociais a serem desempenhados, frente à escola, ao trabalho, à **sexualidade**, à

autoridade, à relação familiar e aos grupos com que interagem. As diversas pressões sociais exercidas sobre os jovens acabam por gerar inseguranças e desequilíbrios. **Grifo nosso.**

Com tal questionamento em mente condicionaremos nossa reflexão para analisar tais questões dentro da Educação Sexual como ela é proporcionada, nesta mescla de teoria e prática, para tal analisaremos as propostas curriculares do estado do de São Paulo na área de ciências humanas e suas tecnologias. Abordaremos a construção dos significados dos discursos na tentativa de visualizar como podemos alçar vôos na edificação de uma educação sexual definitivamente capaz de dizer sobre e para a sexualidade, e não simplesmente do ponto de vista reprodutivo e higienista.

Sobre o problema de nossa pesquisa observamos que hoje a Educação Sexual necessita aceitar as mudanças de suas características. Não engessar-se em categorias estanques do conhecimento, mas promover a construção de categorias. Há de se insistir que as relações culturais não devem ser interpretadas como curativas ou finais, mas sim passíveis ao trabalho dos que discutem seus significados. O que se observa nesta questão são as maneiras como concebemos a dinâmica das relações culturais, a informação específica e o discurso do sexo. Há de se questionar a existência de uma forma cultural apropriada, uma idade apropriada, construções que inibem pensar a sexualidade como movimento. Esse modelo de pedagogia sexual demanda grandes esforços dos educadores. Caberia então, aos professores questionar de que maneira seu conteúdo pedagógico atinge os alunos. E quais os discursos que permeiam estes conteúdos, a saber, as propostas curriculares.

Aos educadores cabe a construção prática e cotidiana acerca das próprias concepções, assim como o debate sobre a sexualidade, para assim se tornarem abertos a explorações e curiosidade de seus educandos. Todavia, para chegar aos processos sociais que hoje constroem os discursos presentes na Educação Sexual, necessitamos rivalizar este procedimento histórico com duas condições conceituais: o sexo e a sexualidade e, com a condição daquilo que é oferecido àquele que se propõe conhecer acerca do assunto aqui determinado. Assim com, os discursos que permeiam os currículos das disciplinas, suas premissas científicas ou “cientificadas”, e tão logo no caminho do discurso, naquele que o promove: o professor ou professora. Neste sentido, a análise aqui proposta se

justifica na condição da reflexão do que ensinamos como educadores e educadoras, e principalmente, ela salienta a construção de um conhecimento multifacetado, associando assim a condição de ensinarmos rompendo a extrema especificidade, e sobrepondo as condições limitadoras, pensamos que tal abordagem proporcionará uma reflexão dos temas aqui propostos, interseccionando a ciências biológicas e humanas. Acerca de nossos objetivos podemos afirmar que o tema educação sexual é ainda hoje objeto de múltiplos entendimentos ao nível do seu significado, dos seus conteúdos, da sua eficácia e consequências. Fala-se em educação sexual e informação sexual; fala-se em educação sexualizada, fala-se ainda em educação sexual e educação afetivo-sexual. Ora se encara a educação sexual como um processo marginal à construção da identidade sexual, ora se aponta aquela atividade como elemento essencial na reforma dos costumes.

Neste sentido, a proposta curricular das disciplinas, em nossa pesquisa aqueles que se encaixam na área de ciências humanas e suas tecnologias, se insere na realidade escolar dos alunos, e é a partir destas disciplinas que nossa investigação se realizará, com o objetivo de investigar o que a educação sexual proporcionada aos sujeitos, alunos (as), corrobora na complementação curricular e na efetiva apropriação conceitual (teórica) e social do debate do tema. Elencamos os seguintes objetivos específicos:

- (a) Analisar a concepção de professores das disciplinas que fazem parte da área de ciências humanas e suas tecnologias no ensino médio, no que diz respeito à educação sexual;
- (b) Verificar as categorias discursivas presentes nas falas de professoras (es), utilizando com instrumento a análise do discurso, para refletir sobre a abordagem do tema nos currículos escolares;
- (c) A partir da investigação, acima exposta, entender como a educação sexual, de modo mais abrangente a sexualidade podem corroborar para um contexto socializador na escola.

No plano metodológico delimitamos que a entrevista semi-estruturada segundo Moita Lopes o investigador inicia apresentando o tema de modo geral, suficientemente ambíguo, para que o entrevistado explane todas as suas ideias (MOITA LOPES, 2002, p.92). Para Triviños (1987) a percepção se dá em uma perspectiva dialogal, a qual

mediada pelo interlocutor (pesquisador) infere no sujeito maior abertura aos fenômenos a serem observados, desse modo afirma:

A entrevista semi-estruturada, em geral, é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferece amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar da elaboração do conteúdo da pesquisa”. (TRIVIÑOS, 1987, p.146).

Vemos nossos sujeitos como agentes em seus discursos, por isso optamos pela orientação semi-estruturada na pesquisa, pois ao produzir seu discurso, o indivíduo não expressa a sua consciência livre de interferências (LAKATOS; MARCONI, 1979). Ao contrário, aquilo que ele discursiviza é resultado de conjuntos discursivos que lhe são anteriores, que foram por ele interiorizados em função da exposição sócio-histórica a que estamos todos submetidos, a partir da qual são constituídas nossas representações discursivas sobre o mundo (FERNANDES, 2007).

A partir da análise advinda de nossas entrevistas, que proporcionarão observar a produção de sentidos de professoras e professores. As entrevistas organizadas pelo crivo de nosso referencial teórico-metodológico aqui categorizado: a análise do discurso (FOUCAULT, 1984; 1998), nossa hipótese se orienta a concretizar-se, como uma reflexão prática do ensino, guiada pela formulação de elementos também discursivos que as propostas curriculares podem vir, não só orientar nosso conhecer, mas produzir um ensino mais igualitário².

² No tocante a esta afirmação, baseamos esta inferência de um ensino “igualitário” mediante a leitura dos seguintes documentos: Fundação Perseu Abramo (2009). Disponível em <http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/index.php?storytopic=1770> Acesso em 08 de Agosto de 2010. CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES, 1., 2004, Brasília. Anais... Brasília: SPM, 2004. Disponível em: http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sepm/arquivos/integra_anais Acesso em 8 de Agosto de 2010. CONFERÊNCIA NACIONAL DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL, 1., 2006, Brasília. Relatório Final. Brasília: Seppir, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/seppir/publicacoes/relatorio_final_conapir.pdf Acesso em 8 de Agosto de 2010. CONFERÊNCIA REGIONAL DAS AMÉRICAS, 1., 2006, Brasília. Resumo da Plenária

Referências

ARAÚJO, U. Apresentação à edição brasileira. BUSQUETS, M. D. *et al.* In: **Temas Transversais em Educação**: bases para uma formação integral. São Paulo: Ática, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**. LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990.

BRASIL. **CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES**, 1., 2004, Brasília. Anais. Brasília: SPM, 2004. Disponível em: http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sepm/arquivos/integra_anais Acesso em 8 de Fevereiro de 2012.

BRASIL. **CONFERÊNCIA NACIONAL DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL**, 1., 2006, Brasília. Relatório Final. Brasília: Seppir, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/seppir/publicacoes/relatorio_final_conapir.pdf. Acesso em 8 de Fevereiro de 2012

BRASIL. **CONFERÊNCIA REGIONAL DAS AMÉRICAS**, 1., 2006, Brasília. Resumo da Plenária Final. Brasília: Seppir, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/seppir/publicacoes/reuniao_plenaria_final.pdf. Acesso em 8 de Fevereiro de 2012

BRASIL. **CONFERÊNCIA NACIONAL LGBT**, 1., 2008, Brasília. Relatório Final. Brasília: Sedh, 2008. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/homofobia/planolgbt.pdf>. Acesso em 8 de Fevereiro de 2012.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. São Paulo: Autêntica, 2009.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**. vol. I, Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1998

Final. Brasília: Seppir, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/seppir/publicacoes/reuniao_plenaria_final.pdf Acesso em 8 de Agosto de 2010. CONFERÊNCIA NACIONAL LGBT, 1., 2008, Brasília. Relatório Final. Brasília: Sedh, 2008. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/homofobia/planolgbt.pdf>. Acesso em 8 de Agosto de 2010. Os quais nos fornecem subsídios para entender a escola como reprodutora de algumas desigualdades sociais.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO (2009). **Diversidade Sexual e Homofobia**. Disponível em <http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/index.php?storytopic=1770> Acesso em 08 de Fevereiro de 2012.

JARMAN, C. **Evolução Da Vida**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1981.

JUNQUEIRA, R. D. O Reconhecimento da Diversidade Sexual e a Problematização da Homofobia no Contexto Escolar. In: RIBEIRO, P. R. C; SILVA, M. R. S; SOUZA, N. G. S; GOELLNER, S. V; SOUZA, J. F. (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

LAKATOS, E; MARCONI, M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1979.

LOURO, G. L. **O Corpo Educado**: Pedagogias da sexualidade. Belo horizonte: Autêntica, 2000.

MOITA LOPES. L. P. **Identidades Fragmentadas**: A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. São Paulo: Mercado Letras, 2002.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e fundamentos. 3.ed., Campinas, SP: Pontes, 2001.

SABA, G. **Sexo e Educação**: é natural? Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1969.

SWAIN, T. N. Lesbianismos: cartografia de uma interrogação. In: RIBEIRO, P. R. C; SILVA, M. R. S; SOUZA, N. G. S; GOELLNER, S. V; SOUZA, J. F. (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: A Pesquisa Qualitativa em Educação. São Paulo: Athas, 1987.

VASCONCELOS, N. **Os Dogmatismos Sexuais**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1971.

YUS, R. **Temas Transversais**: Em busca de uma nova escola. Porto Alegre: Artmed, 1998.